

# O MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO

Milton de Almeida Santos \*

**E**stou extremamente feliz em poder estar em Aracaju, nesta conferência falando com colegas e amigos sobre as minhas lembranças. Quando eu fazia política estudantil, existia uma associação dos estudantes secundários do Brasil, em que eu vinha a Aracaju exatamente para encontrar apoio nessa direção. Então, cada vez que eu venho aqui essas lembranças todas voltam, é uma pena que a mocidade não volte também, mas isso a gente não tem como remediar e agora estou vindo aqui para festejar com meus amigos e colegas, com outros colegas estudantes, os 10 anos deste trabalho feito nesta Universidade com seriedade, com vigor, com inteligência e que já está se afirmando no país de maneira exemplar. Então eu pensei que o que eu devia fazer era conversar sobre o tema das minhas preocupações e pesquisas atuais. As coisas que eu venho elaborando, estudando, que estão um pouco escritas. Imaginei que o contato com colegas estudantes poderia ser valioso, de modo que, eu começo fazendo um apelo para que, se possível, os senhores anatem as coisas que por ventura gostem, as coisas que por ventura não gostem, as coisas que concordam, as coisas com que discordam e a gente faria uma discussão depois desta exposição.

Quero conversar a respeito do meio técnico-científico, dizendo que os conceitos perdem vigor quando a história muda, é a história quem cria, que dá validade ao conceito. Mudando a história muda o conceito. Os conceitos mudam ainda que guardando os mesmos nomes, não fosse assim a Geografia devia se chamar outra coisa. Nós fazemos Geografia da mesma maneira que Estrabão fazia Geografia, não é a mesma Geografia, mas

é a mesma preocupação de entender o mundo. Uma dessas palavras que permanece a mesma enquanto seu conteúdo pode mudar é a palavra meio. É uma dessas palavras esquecidas na Geografia. Quem ler os clássicos da Geografia do começo do século e mesmo alguns do meio do século, como é o caso de Vidal de La Blache, Maximiliano Sorre, todos esses autores falam em meio e o curioso é que a palavra meio também era usada pelos sociólogos, pelos economistas, pelos historiadores, pelos filósofos, quer dizer que, era uma palavra da linguagem interdisciplinar, mas que tinha um significado diferente para cada disciplina. Significados próximos, não distantes. O meio é o lugar de vida dos homens. Se a gente fosse utilizar uma tecnologia mais atual, aquela que é oferecida por historiadores e sociólogos como Anthony .....a gente diria que o meio é o lugar da convergência, os homens presentes, juntos num lugar que eles modificam pela sua presença e que tem um papel na vida coletiva, isso é um meio. A Geografia usou durante muito, muito tempo a palavra meio, antes mesmo de usar expressões como uma que eu uso muito a palavra espaço, que é uma palavra que tem uma multiplicidade tão grande de significações, que as vezes esta é ouvida com uma certa ambigüidade, porque não se sabe nem mesmo de que espaço a gente está tratando. Nos últimos anos, com a corrida armamentista, a palavra espaço praticamente passa a significar muito mais

Conferência proferida nos 10 anos da Pós-Graduação em Geografia da UFS, Aracaju, 19/10/1993. Transcrição da exposição oral, não revista pelo autor, embora autorizada a publicação.

(\*) Prof. titular da USP

espaço sideral que mesmo espaço geográfico, daí, quem sabe, o interesse de voltar a noção de meio, que é um espaço geográfico, e tem uma vantagem - a palavra meio, - porque no mundo em tudo se dá por intermédio da mídia o meio é mídia em mais de uma secção. O meio é mídia porque é um intermediário entre a vida da natureza e a vida dos homens, por conseguinte mediação. E o meio é mídia porque tem uma linguagem, tem um discurso diante da paisagem, diante do espaço vivido. A gente o ver falar ou em todo caso a gente quer ouvir o meio, a gente quer ver o meio, a gente quer entender o meio, e ele nos coloca interrogações e a principal demanda do meio é que nós o interroguemos para explicá-lo, e é este o debate do geógrafo.

Então o meio é uma expressão que agente poderia ressuscitar, aqueles que não a utilizam, revigorar, aqueles que a utilizam, como significativo desse espaço geográfico que é o objeto da nossa preocupação. Esse meio geográfico, esse espaço geográfico, ele ao longo da história do homem vai mudando de cara, ele vai sendo outra coisa ao longo do tempo, ele começa com o que a gente chamaria de meio natural. Meio natural é aquele que o homem encontra quando começa a história. A história começa quando o homem se torna social, isto é banal demais, parece que nem vale a pena a gente usar alguns minutos porque é extremamente conhecido o fato de que a presença do homem como animal social dentro da natureza dá a essa natureza a condição de natureza social. Só que o homem nessa primeira fase acrescentando aspectos da sua inteligência à natureza, por conseguinte, buscando modificá-la o homem não pode sair dela, ele não tem força para impor reivindicações que sejam grandemente contrárias à natureza, ..... o meio neste caso é histórico. A dependência do natural é extremamente forte, esse fenômeno vai se dar com milhares de anos, essa

incapacidade do homem de impor mudanças muito gritantes, muito fortes à natureza. É evidente que a natureza não é mais do que ela é: ela aparece como um conjunto de coisas das quais o homem escolhe algumas para realizar sua vida. O homem não utiliza toda natureza, escolhe parte dela e é a partir dessas diferentes partes da natureza que ele constrói a história, e esse processo é uma conquista lenta, gradual, firme com avanço, retrocesso, mais avanço do que retrocesso, porque a história do homem é um episódio positivo, a gente pode às vezes ficar triste, atônito, às vezes desesperado diante do que nos parece um retrocesso, mas não é razão para nenhuma forma de desespero porque amanhã esse retrocesso vai se transformar num progresso. O homem não foi feito para olhar para trás e apenas para olhar para frente, construir algo novo positivamente novo. É assim que o homem vai modificando a natureza criando um outro meio, debaixo daquele nome meio geográfico, mas o conteúdo é outro.

Mais tarde aparece aquilo que a gente vai chamar de meio técnico. Esse meio técnico é uma conquista relativamente recente do homem que a gente pode datar de formas diversas, não tentarei datar esses meios de formas diversas para poder discutir com vocês. Eu tenho vários momentos para marcar estas mudanças do que chamaria um meio natural historizado e meio técnico: quando é que aparece o meio técnico? É apenas um produto das produções técnicas que têm durabilidade, que têm permanência ou, esse meio técnico apenas vai surgir quando o homem criar a máquina? Há duas maneiras da gente datar, da gente produzir a certidão de nascimento do meio técnico, seja naquela fase muito mais remota onde há criação de técnicas, isto é, a possibilidade de multiplicar o esforço, resultado do esforço, através de um produto da imaginação, ou apenas quando esse produ-

to da imaginação resulta em máquinas, que é um fenômeno próximo de nós porque é um fenômeno do século XVIII com o início da Revolução Industrial. Dizer que o homem não apenas acrescenta à natureza o que a gente chamaria de próteses, isto é, coisas que ele coloca postigas, que ele coloca sobre a natureza, coisas que ele elabora intelectualmente e depois ele produz concretamente para modificar a natureza. Mas, ele já possuidor desse segredo da força que é o produto maquinico-a máquina, - ele muda a natureza acrescentando-lhe máquinas sejam as máquinas de produzir, sejam as máquinas de circular, sejam as máquinas que realizam o trabalho multiplicando-o, sejam as máquinas que vão permitir uma circulação mais rápida, e aí nos defrontamos tipicamente com o que a gente chamará de meio técnico, que não é mais o meio natural é de novo o meio geográfico, mas que ao qual nós adicionamos à máquina e aí a gente chamaria a esse meio geográfico de meio técnico ou maquinico.

Com as fábricas que surgem aqui e ali, mais tarde no século XIX, a evolução das estradas de ferro, mais adiante com a evolução da arte de navegar, com navios modernos, com a criação de portos bem mais capazes de receber navios maiores, todo este mundo novo que vai surgir a partir da Revolução Industrial e que é um momento fundamental na modificação da crosta da terra, porque as próteses, os acréscimos feitos pela sociedade sobre a natureza serão muito mais permanentes, muito mais eficazes. Isto quer dizer que o homem descobre a partir dessa nova geografia uma nova força, a qual no nosso jargão geográfico a gente chama de meio técnico. É o momento em que o homem deixa de utilizar apenas as técnicas de seu corpo, porque até então era o corpo do homem que era o centro de produção artificial da vida, e o homem criava a partir das extremidades do seu corpo: os braços,

as mãos, prolongamentos que eram responsáveis por sua ação sobre a natureza. Já agora, não são apenas as técnicas do corpo de que o homem se utiliza, ele vai usar as técnicas das máquinas, por conseguinte é um momento extremamente importante que marca uma primeira grande aceleração na história humana, mas também na história do espaço geográfico. Esse período do meio técnico ele vai durar até praticamente a Segunda Guerra Mundial, quer dizer, aí começa um novo momento da história do espaço geográfico, que é o momento que nós somos mais ou menos contemporâneos.

Eu testemunhei esta mudança do meio geográfico, eu nasci dentro do meio técnico e vi criar-se o outro meio que vou falar que é o meio técnico-científico. Se você nasceu dentro deste meio técnico-científico, o que é uma vantagem mas que é também uma desvantagem, porque a natureza é aquilo que a gente encontra quando nasce em torno da gente, isso é a natureza. Essa é a definição da natureza: só que quem viu transformar-se a natureza acompanha a história da produção da nova natureza - meu caso. O caso de vocês é diferente, porque vocês, tendo nascido dentro dela não vê distância, encontram pronta ela, se impõe já completamente feita a vocês, de modo que a preocupação é a de conhecer o processo de produção da natureza que é aquela que temos dentro de nós. É uma preocupação que é obrigatoriamente científica, no meu caso é a preocupação da testemunha da história que não necessita obrigatoriamente uma explicação. No caso de vocês, onde a natureza está feita quando vocês nascem, essa nova natureza deste mundo chamado pós-moderno, entende-se é um processo, é uma tarefa de método pela qual corremos o risco de uma total alienação.

O que é este meio técnico-científico? E aí, vou fazer uma pequena digres-

são que é a seguinte: a história do homem a partir do século das luzes passa a ser marcada pela ciência, a ciência passa a ter como companheira a técnica. No começo ela não era uma companhia obrigatória, podia a ciência fazer seus progressos independentemente da técnica, podia a técnica fazer seus progressos independentemente da ciência. No fim do século XIX começo do século XX é que começa esse casamento indissolúvel entre a ciência e a técnica. Isto vai resultar, após a Guerra Mundial no nascimento desse monstro que é a tecnociência, isto é, uma ciência que não pode se fazer sem a técnica e uma técnica que não pode se fazer sem a ciência, que limita o campo da ciência e vai como resultado limitar o processo de produção da história, e por conseguinte da produção do espaço. Ora, a partir desse momento tudo o que o homem elabora para mudar o território, para mudar o espaço passa a ser feito segundo os mandamentos da ciência e da técnica.

Conversava com Diniz, mas também com outros colegas desta Universidade sobre este Estado de Sergipe que me parece exemplar neste processo de mudança da natureza nas áreas agrícolas a partir de mandamentos pré-obrigatórios da ciência e da técnica.

O Estado de São Paulo com a sua riqueza para qual nós contribuímos todos, eu digo nós Nordeste, este Estado de São Paulo é um exemplo desta presença de um meio geográfico que a partir sobretudo de uns 20, 30 anos, se modifica a partir da presença da ciência e da técnica.

Quer dizer que o meio geográfico passa a ter um conteúdo de ciência e de técnica, não é que a técnica arranhe o meio como é o caso da estrada de ferro, a ciência e a técnica estão no meio, são elementos constitutivos. Que são por exemplo os adubos, os fertilizantes? São uma porção intelectual do meio. Que são

corretivos? São uma porção intelectual do meio. Que são as sementes? As sementes são fabricadas primeiro no laboratório das Universidades ou das grandes empresas antes de serem produzidas e jogadas no solo, como também os animais são praticamente recriados a partir da inteligência do homem. Eu creio que nós nunca estudamos suficientemente o papel de uma empresa como a EMBRAPA no processo de recriação da natureza brasileira, acrescentando coisas novas à natureza, à história e à geografia brasileira. Então nós não vivemos mais num mundo do qual o meio geográfico é o velho meio natural, tão pouco o meio geográfico que temos dentro de nós é meio técnico.

O que é o nosso meio de vida, o que é o nosso dono? é o meio científico-técnico porque é uma tendência crescente mais realizada em muitos lugares, esse conteúdo de ciência e técnica no próprio meio geográfico é a sua constituição. O Estado de São Paulo, por exemplo, tem um percentual de população agrícola e rural menor do que a maior parte dos países europeus e a razão não é apenas a evolução da demografia, é a evolução da geografia, porque o meio científico técnico ele exige um outro ..... Ele tem uma natureza diversa dos outros tipos de meio geográfico conduzindo a uma diferente demografia, conduzindo a uma diferente equação profissional mas, conduzindo também a uma enorme quantidade de outros resultados, que se houver tempo conversaremos ainda esta tarde. Eu queria por enquanto, assinalar algumas diferenças entre, cada tipo de meio geográfico.

No meio natural - o homem é prisioneiro do lugar, ele se desloca pouco, ele dispõe de uma área limitada, por conseguinte a sua atividade é de certa maneira endêmica. Isto exigia uma familiaridade com aquela área, ele apreende a natureza. Alguns dizem que ele é treinado exatamente para essa tarefa de co-

nhecer os segredos da natureza e como a ação do homem sobre a natureza é uma ação limitada, a vida é dessa forma restritiva, exceto quando a própria natureza dá vantagens. Então o processo educativo, a transmissão do conhecimento de um mundo limitado e de um mundo mais próximo do grupo era algo em que o processo nada complicava ainda que de profundidade.

No meio técnico o homem se liberta da prisão do seu corpo, porque antes o corpo era o limite, o homem se transportava o corpo era a carga e o motor. Com a chegada da técnica, da máquina, o homem é a carga, mas não é o motor. O motor é muito mais poderoso, os deslocamentos são muito mais amplos e aí também o homem vai poder plenamente comerciar, trocar ..... de que eles conheciam o mundo e eram capazes de unidos porque a possibilidade de fazer algo mais do velho continente afinal se corporificavam.

Quando chega a estrada de ferro, o homem imagina que as discussões de poderes se haviam transformado em algo que não permitiria uma ampliação, pois considera que a história havia dado o passo definitivo para afirmar aquela palavra, como vocês sabem aparece sabiamente no vocabulário dos homens, a palavra progresso. Afirma-se exatamente no fim do século passado porque vem com a evolução das estradas de ferro, da navegação marítima, com a revolução dos portos, com o telégrafo submarino, com a modernização dos bancos graças ao progresso dos transportes e das comunicações, com os motores de automóveis, então a gravidade, dá ao homem a impressão de uma força que seria separada. E já então, se admitia a idéia que o espaço iria ser suprimido pelo tempo. Aliás, já havia autografado o próprio Karl Max, que foi o primeiro a escrever estas palavras, segundo a qual o tempo suprimiria o espaço.

Mas a revolução técnica do séculos

XVIII e XIX e da primeira metade do século XX, permitiu uma expansão muito lenta dos instrumentos, que haviam sido criados pelo homem. As inovações técnicas não se difundiam com enorme velocidade, parecia aos contemporâneos que era difusão rápida, a nós hoje parece que foi muito lenta. Compare por exemplo, a maneira como se difunde a estrada de ferro e como se difundia o rádio e mais que o rádio a televisão, não há comparação. E a maneira como a estrada de ferro penetra os diversos territórios a partir da segunda metade do século XIX, e como a televisão, penetra os diversos territórios a partir da Segunda Guerra Mundial. Mas não só a televisão todos os passos significativos da civilização técnica neste fim de século, são marcados por esta enorme rapidez da sua dispersão, da sua difusão e que uma difusão generalizada porque as estradas de ferro se encontravam de forma muito desigual nos diversos países. Um País como o Brasil, que fez grandes progressos com as estradas de ferro logo no começo da sua instalação mas pára praticamente com a chegada do automóvel. Um país como a Venezuela, praticamente não deixou ampliar a sua. Falar em rede ferroviária da Venezuela nem ouço, porque não chegou a ser constituída uma verdadeira rede. Mas a televisão nos tempos modernos e de comunicação, esses se impuseram a todos os países. Os meios de transportes evoluíram de tal maneira que as condições de transformação do território, primeiro se tornaram muito maiores, mais profundamente eficazes, mas também susceptíveis de uma difusão muito maior e mais vasta e muito mais rápida, muito mais profunda, porque iria servir como alicerce, como base para outras profundas transformações.

Em nenhum momento histórico as técnicas são completamente substituídas, em qualquer momento histórico, ficam essas técnicas surgem novas. Um

território recebe sucessivamente, as diversas famílias de técnicos e ele acolhendo o seu tempo as diversas famílias de técnicas se mostram como um rendilhado, uma acumulação de sistemas técnicos com diferentes idades, mesmo numa cidade como Aracaju, que é uma cidade moderna, estão presentes técnicas as mais diversas.

Eu me recordo, já ter lido há muitos anos, há alguns decênios, num dos livros de Pierre George que eu nunca esqueci, o que dizia caracterizar a grande cidade, é que na grande cidade nós temos todos os tipos de transportes ao mesmo tempo. Chegar a São Paulo, ou a Nova Iorque, ou a Delhi, ou a Paris, ou a Londres e em uma escala menor a Aracaju, a Salvador, é ver no trânsito o automóvel mais contemporâneo, a carroça mais rústica, o homem que empurra a carroça como motor humano daquele veículo tradicional, mas isso é algo que é permanente na história da produção do território, essa presença cumulativa de estágios, de degraus de níveis técnicos que vão permitir que o território seja usado das formas mais diversas.

Somente as técnicas mais recentes têm o papel mais importante. Porque? O que é que a técnica produz no homem? A técnica aumenta a velocidade, da produção, da circulação, das coisas, das idéias, dos homens, da circulação do dinheiro. Ora, quem é que utiliza as técnicas mais recentes? É o ator social, mais poderoso, a gente poderia dizer que as técnicas mais recentes são utilizadas pelos atores mais poderosos e os atores menos poderosos utilizam as técnicas mais antigas. Eu ia dizendo ultrapassadas, mas tenho muito medo desta palavra, nós temos medo que seja palavras que se contradizem. Só que o homem utiliza todas as técnicas, e o território que é algo que pertence a todos os homens, por isso se o território fosse algo acalentado apenas pelas técnicas

hegemônicas, contaria apenas os valores hegemônicos, mas não é assim. O território contém todos os valores, que é essa a razão pela qual não pode haver espaços homogêneos, quer dizer que, no momento histórico atual o espaço, ao contrário de se tornar mais homogêneo, ele se torne mais heterogêneo ainda, porque os níveis de técnicas os tipos de técnicas presentes no território passaram a ser muito mais numerosas que antes, e a distância entre a eficácia do nível mais alto e do mais baixo aumenta. Por conseguinte, o território é algo que é a sede dos sistemas técnicos os mais diversos abrangendo por conseguinte, homens com virtualidades econômicas as mais diversas. Só que quem está na pauta é de um, lado a técnica hegemônica de outro lado, o autor hegemônico. É isso que caracteriza o meio técnico-científico, é que todo território não é transformado pela ciência e pela técnica. Se a gente pegar o mapa do Brasil a gente vai ver que tem espaços dentro do território brasileiro hoje, que a técnica e a ciência são matrizes do espaço. Em alguns estados nós temos áreas importantes com esse conteúdo técnico-científico, é o caso da Bahia. Em outros estados esses espaços técnico-científico são apenas pontos. Quer dizer que não há uma homogeneização do ponto de vista da ciência e da técnica. Há uma tendência mas quem utiliza esse espaço transformado segundo essas novas formas, são os atores hegemônicos.

Do que eu também li sobre o Estado de Sergipe, e ouvi na conversa com meus colegas, deparei que em muitos casos, na própria estrutura profissional do estado, na estrutura de renda do estado, eu tinha visto que Aracaju está ligada do ponto de vista geral, a essa nova geografia, e que não está presente na maior parte dos territórios do Nordeste, conforme Diniz me ensinava há alguns minutos atrás.

O que é que esse meio técnico e ci-

entífico vai trazer como consequência? São muitas as consequências. Uma delas é aquilo que eu ando chamando de ..... am, esses homens do campo. Hoje não, tudo que se tem no campo é transmitido no discurso, tudo. Que perfeita descrição: que adubo, que defensivo, quando usar, quanto usar, como usar. É um discurso científico, não é um discurso gratuito passível de ser inventado nas palavras de comício, é discurso que foi produzido no laboratório e do qual depende a eficácia do uso daquele elemento. Esse discurso da invenção é uma característica do espaço atual do meio técnico e científico, e é esse discurso que vai mudar a natureza da população agrícola, porque a população agrícola vai precisar se lembrar. E é por isso que as cidades médias das áreas que conhecem essa revolução científica técnica têm um terciário desenvolvido. Mas não só terciário desenvolvido, têm uma quantidade de profissionais que essas áreas não conheciam na minha juventude, isso está ligado ao meio técnico e científico, que é exigente em termo de discurso. Há 10 anos atrás os agrônomos do Estado da Bahia estavam na capital com 99%, hoje os agrônomos estão distribuídos em todo território brasileiro, sobretudo nas áreas da produção agrícola que é feita na base da ciência e da tecnologia, porque eles são indispensáveis a esta produção agrícola, porque eles são capazes de ter uma leitura do discurso científico. Então há uma mudança na equação profissional da cidade, uma mudança no patamar da vida urbana, porque estas pessoas passam a ter demandas diferentes daquelas que tinham as populações anteriores.

Mas há outro fenômeno importante ligado ao meio técnico e científico, e que é o seguinte: até a alguns anos no interior do Nordeste, de modo geral o consumo era limitado a algumas cidades, na realidade a alguns momentos de vida urbana. Com alguma prosperidade

esse consumo se difundia mas também de forma limitada. A partir dos anos 70, com os novos meios de comunicação. (o rádio, a televisão) criam as condições do novo consumo, mas o consumo consultivo. Até que quando a agricultura se modernizar, que é a expressão que nós utilizamos no Banco do Brasil para produção do meio técnico e científico, aí cria um consumo consultivo. O Consumo consultivo é aquele que desloca com o ato de consumir. É o consumo das pessoas, das famílias. O consumo produtivo aquele consumo que vai permitir a produção, é o consumo das empresas. Aí surge a empresa individual, o indivíduo que compra adubo, compra o defensivo, que faz vir a semente. Este consumo produtivo vai ter um papel fundamental nas cidades novas maiores. Os técnicos depositários desses elementos a serem consumidos e que têm de ser encontrados no momento exato, junto com o sortimento intelectual desses insumos. Isso vai mudar também a cara da urbanização no mundo hoje, produzindo este grande número de cidades de grande porte, com características diferentes daquelas cidades que nós conhecemos em nossa infância. A discussão da relação cidade/campo que as pessoas estão dizendo, não é nada disso, que a cidade é igual ao campo. É uma falácia. Há esta dependência entre cidade e campo porque a cidade é um lugar, é um depósito, na medida em que as relações aumentam com a produção do meio técnico e científico. A cidade tende a receber também, e a sair também, uma parcela, de trabalhadores agrícolas porque há outra novidade no meio técnico e científico porque o transporte se tornou mais fácil. Mais do que isso a cidade é que se tornou a filha do campo, a cidade é que se tornou a imagem do campo, porque, cada zona rural tem exigências específicas de consumo produtivo, exigências de coisas e exigências de homens, e a resposta a estas exigências de

coisas produzidas e de homens definidos em função da produção, várias cidades se auto resplandecem no campo. O que é, me parece uma novidade nestes tempos no meio técnico e científico.

Outra coisa que aparece como resultado da difusão desse meio técnico e científico é um comando dado mais distante de certo número de operações que se dão normalmente. Porque com a introdução da ciência, da tecnologia na vida regional os lugares passam a ter uma tendência a se especializar naquilo que as condições locais permitem melhor, mas, também, naquilo que é efetivamente demandado por um mercado altamente distante. E o mercado pode ser distante porque os transportes se tornam mais fáceis, porque as comunicações se tornaram mais fáceis, porque os fluxos de dinheiro, de ordem de idéias, se fazem muito mais facilmente de tal forma que a complementariedade produtiva pode se fazer num âmbito muito amplo, o que não era possível antes. Então, o que se passa em cada lugar, tem um controle remoto, pode ter regulação distante, produzindo por conseguinte com toda uma região um elemento de penetração local trazida por essas demandas longínquas e por essas regulações longínquas. Eu asseguraria que a Geografia assimilaria a teoria da regulação utilizada pelos economistas. O próprio espaço é um instrumento da regulação para lembrar no ponto de vista da ciência e da técnica, são os espaços mais susceptíveis a essa regulação. Aqueles espaços menos penetrados pela ciência e pela técnica são os espaços menos susceptíveis a esta regulação, mais rugosos mais reços a essa regulação e talvez capazes de uma evolução íntima. A própria idéia de região vai mudar porque o que é que vai ser a região a partir desses fatos novos que o progresso científico técnico irão trazer? A mim me parece que a região passa a ser o espaço no qual a solidariedade que caracteriza

aquela área é dada no fato de organização e não mais no fato orgânico. A Itabaiana que eu conheci, e sobre a qual cometi algumas besteiras, espero que os professores tenham discutido com vocês, é uma região onde a sociedade é orgânica vinha da intimidade herdada dos homens com a terra, eles aprendiam a conhecer, eles trabalhavam como produto de uma herança. Hoje não, com a modernização agrícola que me parece também se instalou nesta área, ela é organizada, a solidariedade desta área continua, há uma solidariedade, mas em grande parte resulta de uma organização. Então a produção desse inexo científico desse inexo técnico, no lugar, é responsável por uma resolução, de um lado no que toca sua realidade, do outro lado no que toca sua interpretação. Falta uma palavra uma classe do meio técnico e científico a palavra informacional. Na realidade não se trata hoje apenas do meio técnico, nem mesmo do meio técnico-científico mas do meio-científico-técnico informacional, porque nada se faz no meio geográfico, na pós-modernidade sem o uso desse elemento fundamental que é a informação. A informação adequada, no lugar certo, na hora certa, na quantidade certa, na qualidade certa, e a produtividade da atividade econômica e da localidade dependem da informação. A informação do preço, a informação do imposto, a informação do juro, a informação do tempo, a informação da própria área. As áreas dispõem de melhores mapas, há dias maiores de produção. O território modificado, modéstia a parte, ele também é um território informado, quer dizer os objetos, que formam o território apenas foram trabalhados rapidamente a partir de informação, como os próprios objetos têm informação. Quando eu uso uma pente que permite uma produção do produto X com base em Y essa informação é dependente. Quer dizer que, os objetos hoje, e em qualquer ter-

ritório, são criados a partir dessa noção de informação. Informação que é de um conteúdo material, e que é no seu conteúdo-energético, porque a informação é que é a energia do tempo atual, as coisas são rompidas, as instituições são rompidas, a vida social é rompida e essa é uma característica do meio geográfico atual, quanto mais rico de informação muito mais ele é capaz de ser danificado.

Uma série de coisas mais eu queria dizer a respeito do meio técnico-científico. Talvez, insistir a propósito dessa produtividade dos lugares. Essa expressão da economia, aplicada a produção dos produtos bem como poderia ser estendida aos lugares não territórios. Lugares mais produtivos e menos produtivos, como resultado dos conteúdos dos lugares de ciência tecnologia e informação. E o resultado mais palpável desta produtividade dos lugares é aquilo que eu chamarei de guerra dos lugares. Nós estamos assistindo a uma guerra de lugares. Ainda recentemente, os franceses protestaram porque sem aviso prévio, uma fábrica química instalada na França, decidiu se transportar para um lugar qualquer do Nordeste. Abandonou o lugar e encontrou um outro que lhe convinha mais e se mudou. Quer dizer, o lugar que perdeu a batalha já não apresentava as características locais desejadas por aquela produção. O lugar que ganhou a batalha é o que tinha essas características, essas condições, essa produtividade territorial. Este é um dado do nosso tempo, é uma guerra dos lugares que desconhece as fronteiras dos países e que pode inclusive ter como um teatro continentes. Como a fábrica que deixa a América do Norte e vem para a América do Sul, que deixa a América do Sul e vai para a Ásia, para África, ou que deixa a Europa e vem para a América do Sul ou vai para a África. Tudo isso é típico dessa guerra dos lu-

gares, dessa produtividade diferenciada dos lugares que tem relação com as novas condições de organização do território. Essa produtividade está ligada a certos produtos, não é geral, não é que o lugar seja mais produtivo para todos os tipos de produção. Ele será mais produtivo para esta ou aquela produção, por uma razão: é que o homem hoje prepara o território antes para que realize tal ou qual função. A reforma do território, a remodelação do território, a refuncionalização do território, se dá com objetivos precedidos, estabelecidos com a dependência. Isto significa que o analista do território, que não é geógrafo, e aquelas outras profissões que gravitam em torno da atividade do geógrafo, quero dizer urbanista, arquiteto, analista regional, planejador que são galhos da grande árvore da Geografia, no mundo de hoje, passa a ter um papel melhor do que tinha no mundo que está desaparecendo. Quer dizer, a análise de como um território se reconstrói passa a ser fundamental, porquê a maneira como o território se reconstrói é fundamental para a produtividade do mundo competitivo. Então, e só pra terminar, eu creio que a nova Geografia do mundo que está se desenhando e que exige a produção de um novo geógrafo, é a grande esperança da nossa atividade porque o conhecimento da maneira como o território é, passa a ser algo de fundamental para todas as atividades do homem.

Eles não vão ter tempo para desenvolver mais, mas não é só a economia, é também a cultura, e a política. A maneira como o espaço se reorganiza passa a ter um papel fundamental na forma como se exprimem todas as formas de atividade de tal maneira que quando esse curso chega aos dez anos, em pleno meio técnico-científico-informacional a gente tem que ser otimista, porque é o mundo que conspira para que a nossa atividade tenha um objetivo.